

“Elefante Colorido: que história?” Relatos da pequena trajetória de uma dupla de contadores de história em Pelotas

*“El Elefante Colorido: qué historia” Relatos de la pequeña trayectoria de
una dupla de contadores de historias en Pelotas*

*“Elefante Colorido: what story?” Reports of the small trajectory of a pair
of storytellers in Pelotas*

Carlos Eduardo de Oliveira Prado¹

Cibele da Silva Fernandes²

Resumo

O trabalho aqui apresentado é um relato sobre a experiência de se tornar um Micro Empreendedor Individual (MEI) na expectativa de formalizar uma dupla de contadores de histórias e de teatro, que atende, principalmente, o público infantil. O empreendimento surge de um desejo de unir a experiência dos integrantes em contar histórias com os conhecimentos adquiridos quando alunos do curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Federal de Pelotas. A necessidade do surgimento da Elefante Colorido se deu enquanto os sócios ainda eram alunos do referido curso, pois perceberam que, infelizmente, o teatro voltado para o público infantil é tratado com menos importância e, por isso, resolveram pesquisar conteúdos desse universo. O artigo traz uma prefação sobre os empreendedores e suas perspectivas, sucede com uma breve explicação sobre os tipos de contadores de histórias - os de tradição oral, que surgem nos tempos primitivos e os contemporâneos, que se apropriam de obras para desenvolver seu trabalho. Decorre apresentando sucintamente características empreendedoras e relatando o trabalho que a Elefante Colorido desenvolve atualmente na cidade de Pelotas e perspectivas para a mesma, além de propor uma ligação com a utilização da contação de histórias em escolas, numa perspectiva de arte-educação.

Palavras-chaves: Empreendedorismo; Contação de histórias; Teatro.

Resumen

El trabajo aquí presentado es un relato sobre la experiencia de volverse un Micro Emprendedor Individual (MEI), con la expectativa de formalizar una dupla de contadores de historias y de teatro que atiende, principalmente, al público infantil. El proyecto surge de un deseo de unir la experiencia de los integrantes en contar historias con los conocimientos adquiridos cuando eran alumnos del curso de Licenciatura en Teatro en la Universidad Federal de Pelotas. La necesidad de que surgiese el Elefante Colorido se produjo mientras los socios aún eran alumnos de dicho curso, pues percibieron que, infelizmente, el teatro orientado para el público infantil es tratado con menos importancia y, por eso, resolvieron investigar contenidos de este universo. El artículo trae una idea inicial sobre los emprendedores y sus perspectivas, continuando con una breve explicación sobre los tipos e contadores de historias – los de tradición oral, que surgen en los tiempos

¹ (Licenciado em Teatro pela Universidade Federal de Pelotas - UFPel; Pós Graduando em Gestão Cultural: cultura, desenvolvimento e mercado pelo SENAC-SP, Santo Amaro, São Paulo, Brasil; Professor de Teatro na Escola de Ensino Médio SESI Eraldo Giacobbe; teatro.cadu@gmail.com)

² (Licenciada em Teatro pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel; Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil; cibeletrabalhos@gmail.com)

primitivos y en los contemporáneos, que se apropian de obras para desarrollar su trabajo. Se desarrolla presentando brevemente las características emprendedoras y relatando el trabajo que el Elefante Colorido desarrolla actualmente en la ciudad de Pelotas y las perspectivas para el mismo, además de proponer una conexión con la utilización del hecho de contar historias en las escuelas, desde una perspectiva de arte-educación.

Palabras llaves: Emprendedores, Contadores de historias, Teatro.

Abstract

The work presented here is an account of the experience of becoming an Individual Micro Entrepreneur (IME) in the expectation of formalizing a pair of storytellers and theater, which mainly serves the children's audience. The venture arises from a desire to unite the experience of the members in telling stories with the knowledge acquired when students of Theater Graduation in Federal University of Pelotas. The need for the emergence of the Elefante Colorido occurred while the partners were still students of that course, because, unfortunately, the theater aimed at the children's audience is treated with less importance and, therefore, have decided to research content of this universe. The article has a preface about the entrepreneurs and their perspectives, succeeds with a brief explanation of the types of storytellers - those of oral tradition, which emerge in primitive times and contemporaries, who appropriate works to develop itself. It follows by briefly presenting entrepreneurial characteristics and reporting on the work that the Elefante Colorido currently develops in the city of Pelotas and perspectives for it, besides proposing a connection with the use of storytelling in schools, from an art and education perspective.

Keywords: Entrepreneurship; Storytelling; Theater.

Era uma vez. Assim que começam muitas histórias, ou mesmo é assim que pensamos que começam as histórias. E pensamos também que talvez seja essa uma boa maneira de começar este texto: com um sonoro “*Era uma vez*”. Então, *era uma vez* dois estudantes de Teatro-Licenciatura que se encontraram em uma Universidade e iniciaram uma bela parceria. Contadores de história desde antes de ingressar na graduação, cada um deles - de nós - começou de uma maneira e, por acaso ou por escolhas, fizeram a primeira parceria para contar uma história em uma famosa livraria da cidade de Pelotas, no ano de 2011.

A partir da primeira experiência, somada aos conhecimentos que estávamos adquirindo na graduação, começamos a pesquisar um pouco mais sobre a área e depois de algum tempo trabalhando nisso, buscamos auxílio para formalizar o trabalho. A ideia inicial era ter embasamento jurídico para garantir direitos e facilidades enquanto profissionais, visto que, infelizmente, o trabalho com arte – seja ele em qualquer vertente – ainda é tratado com muita informalidade mercadológica e o que acontece, muitas vezes, é nos deparamos com situações mais frágeis na contratação desses serviços. Sendo assim, uma dupla formalizada legalmente tem um diálogo facilitador com os contratantes, em relação ao trabalho não formalizado. Logo a nossa opção então foi de torna-se MEI – Micro Empreendedor Individual:

“Microempreendedor Individual (MEI) é a pessoa que trabalha por conta própria e que se legaliza como pequeno empresário.

[...]Entre as vantagens oferecidas por essa lei está o registro no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas (CNPJ), o que facilita a abertura de conta bancária, o pedido de empréstimos e a emissão de notas fiscais.

Além disso, o MEI será enquadrado no Simples Nacional e ficará isento dos tributos federais (Imposto de Renda, PIS, Cofins, IPI e CSLL). Assim, pagará apenas o valor fixo mensal de R\$ 45,00 (comércio ou indústria), R\$ 49,00 (prestação de serviços) ou R\$ 50,00 (comércio e serviços), que será destinado à Previdência Social e ao ICMS ou ao ISS. Essas quantias serão atualizadas anualmente, de acordo com o salário mínimo.

Com essas contribuições, o Microempreendedor Individual tem acesso a benefícios como auxílio maternidade, auxílio doença, aposentadoria, entre outros.” (Extraído do site <<http://www.portaldomicroempreendedor.gov.br/mei-microempreendedor-individual>> acessado em 06 de novembro de 2016)

Da explicação retirada do próprio portal do empreendedor – onde é possível resolver inúmeras das questões sobre essa modalidade ou mesmo tornar-se um – destacamos que o processo de formalização traz muitos benefícios, sendo o principal um Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), possibilitando compra de materiais por atacado, a emissão de notas fiscais e, na sequência, garantir o atendimento de públicos que exigem a mesma.

A formalização se deu no primeiro semestre de 2015, depois de algum tempo em que já nos intitulávamos como grupo *Elefante Colorido – Contadores de histórias*. Já elucidado o perfil do processo jurídico aderido por nós, partimos agora para uma explicação sobre os tipos de contadores de história, bem como uma breve explicação sobre o seu surgimento. A tradição de contar histórias vem de vários séculos, através da transmissão de conhecimentos pela oralidade e da necessidade de manter vivas as tradições de um povo. Os anciãos de algum grupo social, comunidade ou tribo, contavam as histórias, os mitos e os ritos e iam propagando o conhecimento e o entendimento do mundo dessa maneira. O surgimento dessa figura é anterior a escrita, e ousamos dizer que vem em paralelo ao surgimento da palavra. Essa afirmação pode apoiar-se na fala de Matias:

“A prática de contar histórias é ancestral; pode-se dizer que coincide com o próprio desenvolvimento da linguagem oral e que a partir de então adquiriu especificidades de acordo com a cultura e o momento histórico. Integrante de rituais pagãos primitivos, propagadora da mitologia greco-romana aos povos antigos, divulgadora dos valores da igreja católica na Idade Média, disseminadora de tradições para povos do oriente, para indígenas e para diferentes tribos africanas ao longo de gerações; lista-se uma pequena amostragem de sua presença.” (MATIAS, 2010, p. 72)

O perfil de contação de história apresentado no texto e defendido por Matias, que tem como base a tradição de um povo e tenta manter as histórias vivas, fica a cargo principalmente, hoje, dos griôs:

“O termo Griô é universalizante, porque ele é um abasileiramento do termo Griot, que por sua vez define um arcabouço imenso do universo da tradição oral africana. É uma corruptela da palavra “Créole”, ou seja, Crioulo a língua geral dos negros na diáspora africana. Foi uma recriação do termo gritadores, reinventado pelos portugueses quando viam os griôs gritando em praça pública. Foi utilizado pelos estudantes afrodescendentes que estudavam na língua francesa para sintetizar milhares de definições que abarca. O termo griô tem origem nos músicos, genealogistas, poetas e comunicadores sociais, mediadores da transmissão oral, bibliotecas vivas de todas as histórias, os saberes e fazeres da tradição, sábios da tradição oral que representam nações, famílias e grupos de um universo cultural fundado na oralidade, onde o livro não tem papel social prioritário, e guardam a história e as ciências das comunidades, das regiões e do país. Em África, existem termos em cada grupo étnico: Dioma, Dieli, Funa, Rafuma, Baba, Mabadi... Os primeiros povos do Brasil também reconhecem no termo Griô a definição de um lugar social e político na comunidade para transmissão oral dos seus saberes e fazeres, a exemplo dos Kaingang do Sul, dos Tupinambá das Aldeias Tukun e Serra Negra (BA) e os Pankararu de Pernambuco, os Macuxi em Roraima, e tantos outros que participam da Rede Ação Griô Nacional contam sobre os Morubixabas, KanhgágKanhró... e o Griô contempla todos.” (Extraído do site <<http://www.leigrionacional.org.br/o-que-e-grio/>>. Acessado em 06 de novembro de 2016)

A vertente de contação de que surge a partir da primeira já apresentada, tem algumas variações: é uma apropriação contemporânea da primeira e sua proposta não é de manter viva alguma tradição, mas sim apropriar-se de contos, fábulas e narrativas e transcri-la com o intuito de instigar os espectadores/ouvintes. Essa maneira de contar histórias exige uma troca entre aqueles que narram e aqueles que escutam, e é muito utilizada em escolas, por exemplo, por influenciar positivamente no ouvinte a sua formação como leitor e estimular a criatividade, o senso crítico, estético e ético. Serve também, em alguns âmbitos, como propositor de criação de histórias coletivas e criação de uma reflexão mais apurada sobre inúmeros assuntos, o que é bastante importante política, social e culturalmente, pensando em quebrar barreiras da comum singularidade dos sujeitos da contemporaneidade.

Resumidamente, podemos assegurar que existem dois tipos de contadores de histórias: o contador tradicional, que através da oralidade mantém viva a tradição de um povo e o contador de histórias contemporâneo, que a usa com o propósito de entreter um grupo ou

inserir práticas de leitura, que, como consequência, aguça senso crítico, ético e estético. Embora sejam propostas diferentes, uma não se sobressai à outra.

Os prestadores de serviço da *Elefante Colorido* se utilizam da segunda vertente de contação de história aqui apresentada para realizar o seu trabalho. Isso se dá, principalmente, por conta das aproximações possíveis com o teatro, podendo entender o primeiro como um campo de conhecimento do segundo.

Salientamos inclusive que, isso se dá após a constatação de que a contação de histórias é uma ferramenta muito utilizada pelos cursos de Letras e Pedagogia em séries iniciais como um auxiliar no fomento a leitura. Essa utilização no universo infantil nos encanta pois, no campo de teatro, nos deparamos em vários momentos com alguma indiferença na pesquisa do universo da criança, seja no âmbito acadêmico ou mesmo dentro de grupos e companhias. Infelizmente, o teatro infantil é entendido por muitos como menos importante que o teatro feito para adultos, e se esta relação existe com o teatro, existe também com a contação de histórias.

Existe também, por parte de muitas pessoas, uma visão preconceituosa segundo a qual a contação de história teria menor legitimidade quando comparada a peças de teatrais. Sobre esse ponto cito uma parte da entrevista que o autor e crítico de teatro infantil Dib Carneiro Neto fez com a renomada contadora de histórias Ana Luísa Lacombe. Nesta entrevista ele faz a seguinte pergunta: “Você acha que contadores de histórias sofrem preconceito no meio teatral? Qual? Porquê?” (CARNEIRO NETO, 2014, p. 112)

Como resposta, Lacombe afirma que:

“Há uma onda de contadores de histórias. Uma enorme quantidade de artistas vendo neste filão mais uma possibilidade de ganhar um cachê e um espaço no mercado cultural. Tem muita gente boa e tem muita gente que só quer a sua fatia do pão e não entende nada da arte de narrar. Portanto há uma confusão entre: os contadores de histórias que não gostam que se use recursos teatrais porque acham que descaracteriza a arte de narrar e os atores que acham que a narração de histórias é um teatro pobre e mal acabado, por conta desses oportunistas. No meu ponto de vista, acho que as duas artes, a narrativa e a teatral, podem se misturar, se amalgamar e se apropriar de recursos uma da outra e de todas as outras linguagens artísticas, desde que isso seja feito com propriedade.” (CARNEIRO NETO, 2014, p. 112)

Analisada a importância do contador de história e baseado na entrevista aqui apresentada que fala sobre a hierarquia entre as artes que são tratadas no artigo, iniciamos nossos acordos entre ambas. A primeira aproximação, e talvez a mais latente com o universo

infantil se dá na relação contador-espectador. A necessidade de uma troca entre aqueles que contam e aqueles que escutam é fundamental na construção de qualquer narrativa. Segundo Matias:

“Não se trata, durante a apresentação, de conhecer brevemente a consequência das ações e passar para uma nova situação, ou de evitar o contato com o outro, mas sim de aproveitar o demorar-se nos acontecimentos expostos pela narrativa, de acompanhar cada uma das cenas, de caminhar lado a lado com a história e com os demais presentes para, juntos, desvendarem seus meandros.[...] Nesse evento comum, o papel da memória é revalorizado, visto que a identificação com o tema e a construção mental conjunta das cenas possibilita que a história deixe marcas muito mais profundas em quem não só as ouviu, como também teve a oportunidade de delas partilhar. Em uma sociedade em que a quase totalidade dos valores parecem em vias de decomposição e em que se desenvolve um intenso processo de isolamento, a possibilidade de reaver a comunicação e, mais que isso, de se tornar parte efetiva dela, apresenta-se como uma oportunidade instigante.” (MATIAS, 2010, p. 83-84)

A partilha entre ouvinte e contador é, assim como no teatro, fundamental. Nesse sentido, quando uma contação é bem pensada e elaborada por quem o faz funciona aguçando tudo o que já foi explicado anteriormente e também se torna um importante aliado na formação do espectador, podendo ser uma porta de entrada para a criação de público e, para além disso, ser um estímulo a introdução do teatro dentro de escolas, através de aulas e oficinas. A perspectiva trazida sobre o ato de contar histórias por Matias na citação acima, coloca o espectador muito próximo do que propõe Pavis, que sugere a necessidade do olhar do mesmo para a criação do significado da obra:

“O espectador é uma águia (!) que sobrevoa a cena e percebe os ratinhos roendo os nós de todas as relações possíveis: actanciais, temáticas, formais. De uma tão grande altura a águia se coloca sempre como parceiro e mediador das relações entrelaçadas; só ele percebe os nós em seu conjunto, mas é graças aos ratos que laceiam os nós e se agitam por todos os campos da cena. A águia não consegue descrever objetivamente tal cena, pois os ratos se deslocam sem parar e são um pouco como o corpo do ator que não se deixa captar, um signo que reflete o olhar da águia, situação fenomenológica que obriga a pensar a cena como um espelho que reflete o olhar do observador.” (PAVIS, 2011, p. 217, apud LADEIRA, 2015)

Ladeira complementa:

“A obra se torna completa quando é exposta aos olhares de contemplação. Contudo essa ideia de completude é tão efêmera quanto o momento no qual o trabalho acontece. O ciclo se completa, mas a ideia, os sentidos, as emoções, significados e leituras ultrapassam qualquer limite que se possa tentar impor. Diante disto é interessante pensar no lugar ocupado por estes espectadores, [...] afinal são eles criadores tão legítimos das obras quanto os propositores dos trabalhos em questão.” (LADEIRA, 2015, p.28)

Entendida a necessidade de todos os envolvidos no acontecimento/fenômeno da contação de histórias, podemos passar para a segunda possibilidade de inserção da mesma no campo teatral: é, a história em si e a maneira como é contada, uma propositora do jogo teatral e pré-texto para a criação cênica, seja com crianças ou com adultos. Nesse trabalho, tratamos especialmente da vertente voltada para crianças, mas é importante mesmo que brevemente, ressaltar sua importância para jovens e adultos bem como destacar que sim, existem trabalhos voltados para tal público.

Como estudantes de um curso de Teatro-Licenciatura, nossas aproximações com a pedagogia teatral se dão de maneira orgânica. A presença do pré-texto, por exemplo, vem do estudo de uma teoria do teatro bastante conhecida: *O Drama* da proponente Beatriz Ângela Cabral. A autora sugere que a criação dramaturgica seja feita através de jogos de construção cênica propostos por um coordenador-participante a partir de temas trazidos da realidade dos alunos. Essa proposta de uma pesquisa do universo onde o jogador está inserido é muito eficiente e, como assegurado pela própria autora, enche o grupo de material-base para criação. Entretanto, sugerimos que numa realidade de crianças ainda não alfabetizadas ou em fase inicial de alfabetização, a aproximação do universo das mesmas pode ser feita através de uma história. O coordenador do grupo – que pode ser também o contador da história ou pedir a ajuda de um colaborador terceiro – pode se apropriar de um personagem que servirá como seu auxiliar na hora de impulsionar os jogos e *entrar na brincadeira* com os jogadores e pode também deixa-lo de lado na hora de retomar a atenção e precisar fazer uma pausa para outra atividade ou mesmo findar um encontro, por exemplo. A literatura como pré-texto para criação é vista também no texto de Monthero, que sugere:

“Um processo de drama normalmente se inicia com a escolha do pré-texto e a instauração de um contexto de ficção. O pré-texto, que pode ser literário (extraído de um texto dramático ou não-dramático), imagético ou áudio-visual funciona como um roteiro, ou um pano de fundo para delimitar o desenvolvimento do processo e orientar as opções do coordenador.” (MONTHERO, 2011, p.168)

Além da metodologia do *Drama como método de ensino* e seguindo pesquisas do âmbito teatral que focam principalmente em construção coletiva de dramaturgia, temos também a pesquisa de Maria Lúcia Pupo, que propõe uma apropriação de contos e fábulas regionais para o fazer. Segundo Vidor “para compreender a articulação interna dos textos narrativos, a autora (Pupo) recorre às teorias da narração e experimenta no jogo a relação entre a ação e a narração, caracterizando-se como sendo este o percurso que vai do texto ao jogo” (VIDOR, 2010, p.115). Nesse contexto, sugerimos que a contação de histórias seria, novamente, uma porta de entrada para o desenvolvimento de um trabalho calcado em tal teoria.

Em suma, não há ineditismo nesta pesquisa no que diz respeito à construção de novas teorias. O trabalho propõe, entretanto, uma valorização da importância de contar histórias e de seu estímulo para o ensino de teatro. O segundo, que muitas vezes é visto como uma ferramenta para o ensino de outros conteúdos, agora tem propostas de se utilizar da contação de história como uma ferramenta para o seu ensino. Não nos estendemos na explicação das teorias das pedagogias do teatro aqui apresentadas. Apenas pincelamos as mesmas para que, caso haja interesse do leitor, venham novos desdobramentos e pesquisas sobre as mesmas.

Findando, assim como iniciamos, seria viável utilizarmos a frase clássica dos finais felizes “*viveram felizes para sempre!*” Contudo, um ponto de exclamação não faz jus ao que nos passa agora. Duro, direto e com um ar de que faz tudo ali terminar, ele não nos representa nesse momento, aliás estamos mais para *reticências*. Essa escrita, nossa trajetória na cidade de Pelotas e nas pesquisas estão próximas de um começo: um começo como os das histórias encantadas ou mesmo como o desse artigo. Talvez, um pouco mais próximo de nós, cabem sim – e agora – as *reticências*. Pois estes *três pontinhos* são utilizados quando se descreve uma interrupção – que pode ser a nossa interrupção do fluxo de pensamentos quando atravessados por novas possibilidades – ou então, fazendo mais jus ao agora, quando indicam uma ação que ainda não chegou ao fim, que continua. Portanto, depois de uma substituição da clássica pontuação da conhecida frase por uma nova pontuação que se assemelhe ao aqui e agora, podemos sim, finalizar. E finalizamos dizendo, com as *reticências*: *viveram felizes para sempre...*

Referências

CARNEIRO NETO, Dib. **Já Somos Grandes: teatro infantil - entrevistas, críticas, debates, balanços & Rumos**. São Paulo: Giostri, 2014.

LADEIRA, Jaíne Cristina Paes. **FILEIRA G ACENTO 18 OU O lugar do espectador na criação dos espetáculos de dança de grupos independentes da cidade de Pelotas**. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Dança, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

MATIAS, Lígia Borges. “O valor da narrativa na pós-modernidade”. In: TERNIO, Giuliano (org). **A arte de contar histórias: abordagem poética, literária e performática**. 1ª ed. São Paulo: Ícone, 2010. p.71-88.

PRADO, Carlos Eduardo de Oliveira. **A contação de histórias como possibilidade da inserção do jogo teatral na escola**. Trabalho de Conclusão de Curso, Faculdade de Teatro, Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, 2015.

Estudos disponíveis na Rede

MONTHERO, Wagner. “Em processo: imagens e memórias como materiais de criação no contexto do drama”. In: **Urdimento**, nº 17, 2011.p.165-171. Disponível em: <<http://revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/3368/2431>>. Último acesso em 08 de novembro de 2016.

VIDOR, Heloíse Baurich. “A construção da narrativa cênica em sala de aula com base no jogo teatral — diferentes possibilidades”. In: **ouvrouver**, vol. 6, nº 1, 2010.p.111-122. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvrouver/article/view/8224/5284>>. Último acesso em 08 de novembro de 2016.

<<http://www.leigrionacional.org.br/o-que-e-grio/>>. Último acesso em 06 de novembro de 2016.

<<http://www.portaldoempreendedor.gov.br/mei-microempreendedor-individual>>. Último acesso em 06 de novembro de 2016.